

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

MEMORIAL ACADÊMICO

URSULA ROSA DA SILVA
PROFESSORA ASSOCIADA, NÍVEL 4
SIAPE 2085731

CENTRO DE ARTES

Pelotas / RS
20/ outubro/ 2017

URSULA ROSA DA SILVA

Memorial Acadêmico apresentado à
Universidade Federal de Pelotas, como parte
das exigências para promoção funcional para
a Classe E – Professor Titular.

Pelotas / RS

20/outubro / 2017

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1. ESCOLHAS, CAMINHOS: SER OU NÃO SER PROFESSORA?!	5
1.1 Formação Pré-universitária	5
1.2 Graduação e atuação profissional inicial	7
1.3 Pós-Graduação	11
1.3.1 Mestrado em Filosofia	11
1.3.2 Doutorado em História e Doutorado em Educação	12
2. DA FILOSOFIA PARA A ARTE: A ATUAÇÃO NA UFPEL	14
2.1 ATIVIDADES RELEVANTES DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	14
2.1.1 Ensino (disciplinas). e bancas.....	14
2.1.2 Produção Intelectual publicações, Grupo de pesquisa, Pesquisa e Extensão.....	19
2.1.3 Orientações.....	36
2.2 CARGOS ADMINISTRATIVOS	38

MEMORIAL ACADÊMICO

APRESENTAÇÃO

– Por que você olha tão demoradamente cada pessoa? (...) – Não é por nada que olho: é que eu gosto de ver as pessoas sendo. Então, estranhou-se a si própria e isso parecia levá-la a uma vertigem. É que ela própria, por estranhar-se, estava sendo. [trecho do livro de Clarice Lispector. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos prazeres*, 1998, p. 71]

A epígrafe com as palavras de Clarice Lispector traz um pouco do tom que pretendo dar a este texto: eu sendo professora. E, é interessante o quanto demorei na minha vida para perceber que esta seria eu: sendo pessoa, professora, educadora.

Além do conteúdo que preciso demonstrar neste relato/documentação, pretendo expor uma escrita, uma narrativa confidente, que confia ao papel sonhos e decepções, realizações, conquistas e também desilusões do cotidiano, pois assim creio que consigo me ver e me expressar melhor. Porque a vida é feita de escolhas, de projetos, os que dão certo, e aqueles com os quais aprendemos, por não ter dado tão certo. Além das linhas traçadas no papel, as linhas tramadas da vida vão se mostrando. Então, abrindo o novelo para achar a ponta, vou trazendo as palavras que me apresentam e também as imagens que povoam minha memória e que estão no engendramento de meu ser docente.

Posso então esperar que minha página contenha algumas sonoridades verdadeiras, ou seja, uma voz tão longínqua em mim mesmo que será a voz que todos ouvem quando escutam o fundo da memória, o limite da memória, além talvez da memória, no campo do imemorial. O que comunicamos aos outros não passa de uma orientação para o segredo nunca uma objetividade total. (Bachelard, *A Poética do Espaço*, p. 32)

As páginas a seguir trarão estas sonoridades que produzi durante estes vinte e cinco anos de docência no magistério superior. A narrativa foi feita com palavras e com imagens, porque aprendi que os modos de nos dizermos por expressões diversificadas podem ser complementares, assim o sentido do que é dito vai além da percepção das palavras.

1. ESCOLHAS, CAMINHOS: SER OU NÃO SER PROFESSORA?!

1.1 Formação Pré-universitária

Toda pessoa deveria então falar de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos. (Bachelard, A Poética do Espaço, p.31)

A escola é um lugar que conheço desde meus cinco anos de vida. Nasci em Porto Alegre, iniciei meus em uma escola pública, o Grupo Escolar Evaristo Gonçalves Netto. Ainda com 5 anos passei do Jardim para a 1ª. Série, pois as professoras acharam que eu era meio precoce com as letras. Aos 7 anos aprendi a fazer rimas em poesia e aos 14 aprendi a tricotar. Desde então, as palavras e as linhas me acompanham na poesia da vida, no tecer do ensino. Os livros muito cedo se tornaram meus companheiros nas “viagens” por outros mundos. O quintal de casa também foi palco de muitas descobertas.

Aprendi muitas coisas e tenho várias referências das pessoas que passaram por mim: dos professores, de palavras doces, de olhares firmes e incentivadores, mas também daqueles de palavras secas e desestimulantes; de meus pais, com seus exemplos de vida; dos colegas e dos alunos, com os desafios diários e de alguns pensadores e pensadoras, que me fizeram ser mais gente, provocando ou despertando em mim outros modos de ver o mundo. De todos estes, minha mãe foi minha mestra maior, me ensinando valores, a firmeza para defender estes valores acima de tudo, a determinação para jamais desistir de lutar, a perseverança para levar adiante meus sonhos, e a força para acreditar na minha capacidade de realização. Minha mãe me ensinou a ler o mundo e a escrever nele uma história.

Aos 9 anos estava na 4ª. Série e conheci uma das minhas referências: a professora Sara, pessoa de grande generosidade e com um sorriso impressionantemente alvo. O olhar daquela professora fazia o tempo parar, parecia que ela prestava atenção em cada aluno e isso me encantava. Infelizmente não terminei este ano naquela escola, pois minha família e eu nos mudamos para outra cidade. Nesta época, eu tinha um irmão mais novo e uma irmã recém-nascida. As dificuldades de aprendizagem de meu irmão fizeram as professoras sugerirem uma escola em Canoas, que poderia ajudá-lo: o Instituto Pestalozzi. Assim, fomos para

Canoas e eu passei de uma escola pública para uma escola privada católica: o Colégio Maria Auxiliadora, cujas freiras usavam um hábito cinza. Meus pais nunca tiveram uma casa própria e a vida sempre foi levada com dificuldades financeiras, mas a educação dos filhos era prioridade para eles. Assim, estudamos, eu e meus irmãos, em escola particular até o fim do Ensino Médio. Nesta escola, eu tive muitas experiências marcantes em relação à docência. Depois ainda o fato de mudar de cidade, a cada fase de minha vida, me provocou a aprender a me adaptar a qualquer meio ou situação e saber improvisar. Também me fez ver a vida de modo mais interdisciplinar me instigando a curiosidade para várias áreas, embora a área das humanas tenham se tornado minha predileção.

Na 5ª. série tive uma professora de português que nos ensinou a declamar poesias, que fazíamos para os colegas em aula, e isso se tornou uma atividade prazerosa para mim. Na 7ª.série eu comecei a participar do Coral da escola. A regente do Coro era a profa. de inglês, a Chica. Além de aprender a trabalhar em grupo, dos compromissos sociais, ela nos ensinou um lado mais descontraído da vida, com música e muito sorriso. O sorriso é algo que me impressiona nas pessoas e me envolve, aprendi que o sorriso suaviza as relações. Também os sons se tornaram contraponto de meu ser. Lembro quando aprendi a cantar e projetar o som da minha voz no fundo da sala: foi um impacto, pois percebi o poder do corpo e da intenção da nossa comunicação no mundo. O som, o silêncio, as palavras e as linhas são expressões de meu ser no mundo. Talvez isso tenha feito eu escolher Merleau-Ponty – um fenomenólogo que aborda o corpo como espaço de saberes – como um dos autores que caminham comigo na jornada da docência.

Sempre fui muito tímida, mas isso não me impedia de tomar iniciativa e assumir liderança, quando necessário. Muitas vezes fui escolhida como representante discente e por duas vezes ganhei aquela medalha de destaque nos estudos. É... eu sempre fui CDF! Quando terminei a 8ª. Série e tinha que escolher o que faria no 2º. Grau, minha mãe queria que eu fizesse o Normal, ou o Magistério, para ser professora. Mas eu não queria ser professora e essa decisão era muito clara, na época, para mim. Deste modo, escolhi o Curso de Decoração, porém eu cursei apenas um ano, pois novamente nos mudamos de cidade. Em Caxias do Sul, o novo lugar, eu tive que fazer outra escolha, pois não havia, nas escolas próximas a

nossa casa, o mesmo curso que fazia em Canoas. Optei por fazer química, reforçando a decisão de não ser professora.

Durante o 2º. Grau, eu participei de um grupo de Teatro na escola e depois de um grupo de Dança, numa academia. Estas experiências foram bem importantes para minha futura vida docente, o que, naquele momento, eu nem imaginava, pois apenas queria fazer algo que me diminuísse a timidez, a vergonha de me destacar em qualquer situação. Eu era tão tímida que não usava cores que pudessem, de algum modo chamar a atenção, como vermelho, por exemplo. Todas as minhas escolhas estavam já me levando para algo que me colocasse em contato com o mundo do ensino. Eu atribuo esta minha timidez também ao fato de ter sido, em algumas situações reprimida por minha própria mãe, que dizia para eu não contestar ou reclamar na escola, porque meu pai podia ser considerado comunista. Eram tempos de ditadura e isso, com certeza, esteve presente e influenciou na minha escolarização e depois no período de Graduação.

1.2 Graduação e atuação profissional inicial

Como nos diz Bergson “jamais atingiremos o passado sem nos colocarmos nele de saída” (*Memória e vida*, 2006, p. 49). Então me coloco neste passado para poder trazer as relações com as memórias de minha formação.

Ingressei na Universidade de Caxias do Sul quando tinha ainda 16 anos. Devido às dificuldades financeiras de minha família, comecei a trabalhar em uma livraria para pagar a universidade. Escolhi fazer Filosofia, primeiro, para compreender o mundo e a mim mesma. Como era muito nova, pensei que precisava ter elementos para depois decidir sobre minha carreira. Não é preciso dizer que para minha família foi um choque, pois com nossas condições de vida, fazer Filosofia não era propriamente apostar numa carreira que desse resultado financeiro. Então, foi preciso ser firme com minha escolha, e, mesmo sem saber exatamente o que iria acontecer com meu futuro – pois eu não queria ser professora, no entanto tinha ingressado num curso de Licenciatura – mesmo assim, eu apostei no caráter provisório e de passagem da Filosofia no meu caminho e fiz este curso com muita dedicação. Durante os quatro anos de minha Graduação trabalhei e realizei

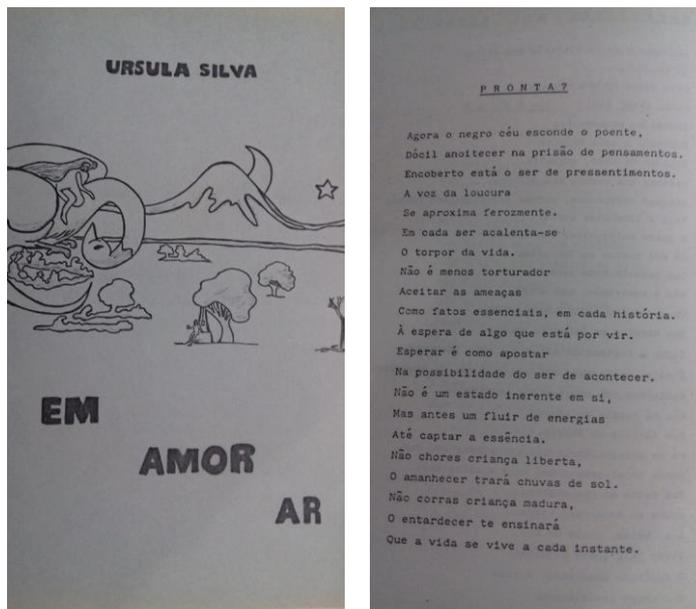
paralelamente outras atividades: cantei em dois corais na cidade de Caxias; estudei violino, que depois troquei pela flauta doce e flauta transversal.

Quando cheguei na metade do curso, eu tinha então 18 anos, aconteceu uma coisa interessante. Então um dia, na verdade, era uma noite de inverno, o saguão da universidade, onde eu estudava, estava cheio. Havia um burburinho de vozes. O entrar e sair de pessoas. O movimento na livraria, pessoas se direcionando para as salas de aula. Sorrisos, olhares, conversas animadas. Alguns alunos expondo imagens no chão para apreciação. Ao entrar naquele lugar, mais uma entre tantas outras noites de aula, fui levada para um instante existencial, fui puxada pelo tempo a olhar para a minha existência. Sei que foi naquele momento que decidi ser professora. Não foi uma escolha, foi um arrebatamento. Senti que meu lugar seria ali no meio deste movimento constante de busca por conhecimento, de trocas e entrelaçamento de experiências, de dúvidas, de incertezas, mas pulsante: a vida acadêmica. Senti que, a partir de então, o roteiro seria escrito por mim.

Na época de minha Graduação não existiam tantas bolsas para alunos, como temos tido atualmente. Mas creio que o trabalho voluntário também foi responsável por esta escolha pela docência. Lembro que, logo no início da Graduação, me propus a fazer uma ação voluntária em uma igreja para alfabetizar adultos, mas a paróquia não aceitou. Talvez o fato de eu ser estudante de Filosofia tenha sido um fato impeditivo. Fiquei bem triste com esta negativa e não tinha compreendido o motivo, pois o país estava com 20% de pessoas analfabetas e, do meu ponto de vista, as ações voluntárias eram uma saída. Eu estava com 17 anos na época, mas não desisti. Através da Universidade, entrei num projeto que atendia meninos da antiga FEBEM, no plantio de sementes e auxílio, em turno inverso, com atividades de aula. Este projeto foi um bom começo na minha experiência com a educação. Embora também tenha me colocado frente a questões de cunho político, tais como, o fato de o sindicato da indústria madeireira fazer propaganda de suas ações, trazendo à visibilidade estes meninos, em eventos, em que eram levados, eles e suas mudas, para mostrar que os associados do sindicato colaboravam com o replantio e reflorestamento na Região. Eu participei de um destes eventos, que aconteceu no Pavilhão da Festa da Uva.

Outra experiência que me deu base para a docência, foi ter participado do movimento estudantil na Faculdade. Fiz parte do DCE, fiz campanha para reitor,

enfim, estas situações que nos obrigam a ter noção de um todo maior do que o meu curso ou a minha unidade acadêmica. Além disso, eu me matriculava em disciplinas de outros cursos para poder ter ideia mais ampliada do contexto cultural e do conhecimento. Eu cursei disciplinas nos cursos de História, Letras e fiz parte de um grupo do Direito em estudos de Hermenêutica. Na minha Graduação também desenvolvi algo de meu lado de escritora, por meio de poesias, primeiro fiz algumas publicações caseiras com fotocópias e, depois, participei de duas coletâneas promovidas pela Prefeitura de Caxias do Sul.



Primeira impressão de poesias com fotocópias. Capa e detalhe com uma das poesias.



Publicações 1ª e 2ª Antologia Gaxiense de poesias, das quais fiz parte, em 1988 e 1989.

Assim que terminei minha Graduação, com vinte e um anos (1988), já estava decidida a fazer um Mestrado em Filosofia. Por esta razão, me mudei para Porto Alegre e, após conseguir um emprego em uma escola pública de Viamão, ingressei no Mestrado em Filosofia, da PUC/RS. Trabalhei na escola Nisia Floresta, por um ano, de 1989 a 1990, lecionando história e inglês, com um contrato emergencial do Estado. Depois consegui uma bolsa no Mestrado e pude me dedicar integralmente ao Pós-Graduação.

Ao finalizar o Mestrado, em 1992, participei de um processo seletivo na Universidade Católica de Pelotas, fui aprovada para a área de História da Filosofia Moderna, mudei para Pelotas e iniciei minha docência no ensino superior. Na UCPel foram três anos de trabalho, com disciplinas em vários cursos de Graduação e também na Especialização em Filosofia, da qual participei na sua criação. As disciplinas com que trabalhei na UCPel estavam relacionadas à História da Filosofia Moderna, à Antropologia Filosófica e à Estética. Foi na disciplina de Estética que fui descobrindo minha predileção pela arte, comecei a aprofundar estudos na área, inclusive publiquei um livro a partir das necessidades que senti ao buscar por textos que tratassem do tema. Neste período também publiquei alguns artigos no jornal *Diário da Manhã*, na página de Cultura que havia, e com textos que tinham relação com minhas aulas e minhas pesquisas na Filosofia. As pesquisas que desenvolvi na UCPel tiveram relação com a Fenomenologia em Husserl e em Merleau-Ponty, temática que pretendia levar para um doutoramento. Na extensão tive participação em organização de eventos, mas o principal foi uma campanha de prevenção à AIDS, que foi oriunda de uma pesquisa feita com alunos da Medicina e que chegou a ser publicada em duas matérias no jornal Zero Hora, em agosto e em dezembro de 1993.

Como tinha um contrato como horista na UCPel, eu comecei a pensar em modos de me efetivar na carreira de magistério superior. No ano de 1994, também atuei como professora substituta na FURG, ministrando as disciplinas de Estética e Filosofia da Educação para cursos de Licenciatura. Foi uma experiência bem curta porque logo prestei concurso na UFPel e assumi em 1995.

1.3 PÓS-GRADUAÇÃO

1.3.1 Mestrado em Filosofia

Em 1989 ingressei no **mestrado de Filosofia da PUC/RS**. Eu era uma das poucas mulheres a ingressar naquele curso, o perfil das pessoas que em geral era de homens, já professores, e muitos em tempo de se aposentar. Tive certa resistência, em alguns momentos, por ser mulher na filosofia. Estas questões de gênero, da desvalorização por ser mulher, o preconceito de que “mulher não pensa” ou é de que “menos capaz” que os homens para se destacar no campo de ensino e da filosofia, eu senti desde a Graduação.

O tema de minha pesquisa de mestrado estava relacionado com minhas inquietações teóricas, em relação ao modo de conhecermos e tematizarmos os conceitos. Por isso Maurice Merleau-Ponty foi o autor escolhido, pois ele apresenta um modo diferente de tratar a filosofia e o conhecimento, questionando os métodos clássicos da filosofia, e propondo a fenomenologia como um modo de estar no mundo. Para Merleau-Ponty a filosofia é uma atitude diante do mundo, e essa concepção eu trouxe para minha vida, para minha profissão e para minha visão de educação. Tudo o que propomos em sala de aula, de certo modo, deve ser vivenciado na nossa vida como professores, se não a coerência não existe. E isso é difícil de ser vivido, mas é o desafio que me coloco todos os dias: ser uma pessoa e uma professora melhor e tentar mostrar aos nossos alunos que é possível formar e transformar o mundo com nossas pequenas ações.

A minha pesquisa de mestrado abordou a relação entre pensamento e linguagem na filosofia de Merleau-Ponty, e este estudo me acompanhou, desde então, nas pesquisas futuras e no ensino que levei para as aulas. O texto foi publicado em 1994, pela própria Universidade (PUC/RS) em que cursei o Mestrado, e isso já foi um grande reconhecimento para mim.



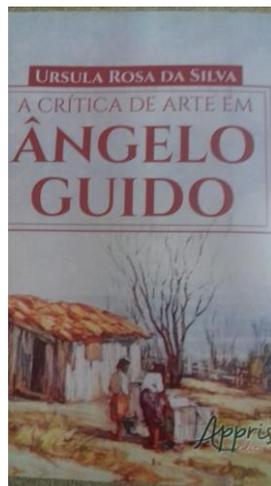
A Linguagem Muda e o Pensamento Falante. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

Em 1992, ao final de meu mestrado, fiz seleção para ser professora de História da Filosofia, na Universidade Católica de Pelotas. Nesta época ainda pensava em permanecer na área de Filosofia e cheguei a fazer um projeto de Doutorado para continuar pesquisando a Fenomenologia. Este projeto foi aprovado na Universidade de Quebec, Canadá. No entanto, no mesmo ano, 1995, eu tinha participado do concurso para professor efetivo na UFPel. Assim, em agosto de 1995 assumi como professora no então Instituto de Letras e Artes (ILA), as disciplinas da área de Estética e Filosofia da Arte e desisti de cursar o Doutorado em Quebec.

1.3.2 Doutorado em História e Doutorado em Educação

Ao ingressar na UFPel, em 1995, fui me direcionando para outro tema de Doutorado que pudesse relacionar arte e filosofia, questões que começavam a me provocar a partir das aulas. Pois tratar de Estética a partir da Filosofia me parecia um enfoque muito teórico, necessitava aproximar do olhar da arte com uma linguagem mais articuladora. Depois de dois anos buscando essa aproximação resolvi fazer um Doutorado que pudesse congrega os temas de estética, arte, filosofia e história, e isso eu encontrei pesquisando a crítica de arte. Por meio da pesquisa sobre a história da arte em Pelotas, eu fiz um levantamento sobre a crítica de arte nos jornais de Pelotas, a partir do final do século XIX, para verificar quem eram os artistas que viviam e produziam arte na cidade. Esta pesquisa me levou a publicar, com minha colega Mari Lucie Loreto, o livro *História da Arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980*. E a partir desta pesquisa fui aprofundar a sondagem nos jornais de Porto Alegre e encontrei um crítico de arte, que foi professor do Instituto

de Artes da UFRGS, nos anos 1930 a 1960, e que foi pintor e o primeiro crítico de arte do RS. A produção dele me surpreendeu pelo conteúdo específico e vinculado à estética filosófica nos jornais. Assim defini o projeto de Doutorado e ingressei no Pós-Graduação da História da PUC/RS, em 1997. Esta tese defendi em 2002 e ficou com cerca de 500 páginas, em dois volumes, por este motivo demorei para reduzir o texto e somente em 2017 foi publicada.



A Crítica de Arte em Ângelo Guido. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

Ainda fiz um segundo Doutorado, relacionado com o tema de ensino de arte e filosofia para crianças, fruto de grupos de pesquisas que coordenei, junto aos cursos de artes e filosofia, mas também por uma necessidade que surgiu a partir da coordenação do Curso de Artes Visuais, Licenciatura. Senti que era preciso fazer uma Pós-Graduação na área de Educação porque, como coordenadora de um curso de Licenciatura, vi que deveríamos ter mais foco na orientação de professores que formam professores. Então, em 2006 ingressei no Doutorado em Educação da UFPel, oportunidade que tive, também, de conviver com colegas de outra unidade, e com os quais realizo parcerias para eventos e pesquisa até hoje. Este convívio confirmou o que já compreendia, que a articulação entre professores das diversas áreas, dentro de uma universidade, é muito proveitosa e dá resultados no nosso cotidiano acadêmico. A tese resultante deste doutorado foi defendida em 2009 e publicada um pouco depois, pois fui convidada a participar de uma coleção do Grupo de pesquisa da FaE, o FEpráxis, do qual participo desde meu ingresso nesta Pós. Fui convidada também a participar como professora neste Programa de Pós-

Graduação de Educação, na linha de Formação de Professores. Mas como estava envolvida com uma proposta de Mestrado para as Artes, senti que devia incentivar meus colegas neste empreendimento.



A Infância do Sentido: ensino de filosofia e racionalidade estética em Merleau-Ponty. Pelotas: Edit. UFPel 2011.

O segundo doutorado teve como teórico principal Merleau-Ponty, mas desta vez, busquei desenvolver o conceito de racionalidade estética. Este trabalho tem muita relação, hoje, com o tema e as pesquisas de Estética que desenvolvo nas disciplinas no ensino de Graduação e de Pós-Graduação.

2. DA FILOSOFIA PARA A ARTE: A ATUAÇÃO NA UFPEL

2.1 Atividades relevantes de Ensino, Pesquisa e Extensão

Neste item tive dificuldades para apresentar de modo separado os itens de ensino, pesquisa e extensão, porque realmente são ações indissociadas na minha prática docente. Assim, eu fiz uma separação entre as disciplinas e as outras ações, mas logo elas aparecerão relacionadas.

2.1.1 Ensino (disciplinas) e Bancas

Josso afirma que a abordagem biográfica pode ser um bom lugar para perceber aspectos relevantes das situações educativas, para ela “a experiência formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: o saber-fazer e os

conhecimentos, funcionalidade e significação, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação” (*Experiências de vida e formação*, 2010, p. 36). E, nesse sentido, a experiência e as práticas de ensino, pelas quais passamos, são tão formadoras quanto o conteúdo formal das disciplinas. A vivência de um cotidiano que proporcione o questionamento constante do “como fazer?” é desafiador, pois, ao darmos uma resposta, não percebemos, mas uma transformação aconteceu.

Durante a minha Graduação, mesmo sendo um curso para formar professores, não havia um preparo para o ensino na escola. Numa época (fins dos anos 1980) em que os cursos de Licenciatura, não tratavam diretamente da questão de como realizar o ensino na escola, não se falava da tal transposição didática, nem de como seríamos ou o que faríamos, na escola, ao nos tornarmos docentes. As disciplinas pedagógicas da maioria das Licenciaturas (didáticas; estrutura do ensino; currículos e normas, etc.) eram oferecidas, em geral, pelos cursos de Pedagogia e não por professores dos próprios cursos de Licenciatura. Somente em meados dos anos 1990 é que se começa a debater sobre as características do ensino na escola e de como os professores devem estar preparados desde sua formação na universidade. Tais movimentos acadêmico-sociais, fortalecidos por mudanças pedagógicas fundamentais para o ensino, podemos citar as influências de Matthew Lipmann, com sua filosofia para crianças, e, na arte, a Abordagem Triangular, nos estudos de Ana Mae Barbosa, por exemplo, como também a retomada de estudo em autores como Rousseau, Dewey, Paulo Freire, contribuíram para o crescimento e a necessidade da filosofia e da arte na escola, dois campos de saber com os quais trabalho e a partir dos quais compreendo o acontecer do conhecimento.

A experiência de ser professora em escola pública foi muito importante para minha formação. As situações de ter que motivar o estudo em turmas de comportamento mais conturbado; ter que improvisar e criar novos modos de ensinar quando faltava recursos; ter que substituir colegas de outras disciplinas. Mas o que mais consolidou minha prática foi usar os meus saberes interdisciplinares, que trouxe da música, do teatro, da história, das letras. Aquela minha vontade de ampliar a noção da cultura e do conhecimento em outras áreas me valeu muito com as crianças e adolescentes. E esta experiência na escola foi essencial para o ensino na universidade.

Quando ingressei na UFPel, embora fosse trabalhar com disciplinas da Filosofia, senti que a Estética para os cursos de Artes precisava ter um enfoque diferenciado, como mencionei anteriormente. Então fiz alguns experimentos, do tipo aproximar Platão e Fernando Pessoa para tratar do sujeito e dos vários Eus, com uma produção poética e prática. Percebi que a reflexão filosófica precisava ser provocada por uma experiência estética. Assim, em geral, desde 1995 ministrei disciplinas de Filosofia da Arte; Estética; Teoria da Arte; Teoria e Crítica de Arte e hoje, também na Pós-Graduação, Estética e Cultura Visual. Nestas disciplinas foram nascendo as questões relacionadas às pesquisas de gênero, porque fomos aos poucos buscando as mulheres artistas de Pelotas e do RS e este tema virou projeto de pesquisa. Na disciplina de Estética nas artes plásticas, que ministrei para a Licenciatura por muitos anos, surgiu o tema da história da arte em Pelotas dos artistas pelotense; da crítica de arte na cidade; no momento que nos damos conta que os professores não tinham material didático para trabalhar nas escolas que tratasse da arte pelotense. Esses temas também geraram o Programa de Rádio Arte em Foco, que coordenei, no qual alunos se envolveram para estudar mais a história da arte e divulgar com uma linguagem mais acessível na rádio.

Numa disciplina de Filosofia da Arte, por exemplo, fizemos várias montagens de peças teatrais, com textos filosóficos como o Banquete, de Platão, cujo tema era o amor e a beleza. Ou como a Mandrágora, um clássico de Maquiavel, que fazia uma crítica social à corrupção da sociedade da época. Esta obra de Maquiavel foi montada com roupas feitas de papel pelos alunos, com cenário criado e pintado pelos alunos e encenada no Teatro Sete de Abril, em 2003. Este trabalho me motivou a sugerir um grupo de estudos para a criação do curso de Teatro.

Na Pós-Graduação tive experiência de lecionar a disciplina de Estética no Mestrado de Memória social e Patrimônio Cultural, assim como a disciplina de Metodologia da Pesquisa. Esta última me permitiu uma grande ampliação de repertório de metodologias, porque era um curso interdisciplinar, e os projetos vinham de alunos ligados a diversos cursos, desde Direito e todas as áreas das humanas, como também das ciências da saúde. Foi uma experiência muito enriquecedora ajudar estas pesquisas e seus encaminhamentos metodológicos. Nesta época, entre 2010 e 2012, também ministrei esta disciplina de Metodologia da pesquisa na Graduação para o curso de Teatro. Orientar projetos de TCC na área

de dramaturgia e teatro foi outro momento de crescimento teórico. Atualmente leciono a disciplina de Estética e Cultura Visual e a disciplina de Filosofia, Arte e Educação para o Mestrado em Artes Visuais, além de Filosofia da Arte para a Graduação em Artes Visuais.

As bancas de que participei, deste modo, sempre foram muito diversificadas, pois estas experiências me permitiam transitar por muitos cursos. Tenho recebido convites para avaliar TCCs, Monografias, Dissertações e Teses nas áreas de Artes, Letras, Filosofia, História, Educação e até Arquitetura. Da mesma forma, tenho participado como parecerista de periódicos com temas que envolvem o ensino e a educação, a inclusão, gênero, questões da arte e da cultura, memória e história.

Além dessas bancas, participei de algumas de concurso para professor efetivo e substituto. Esta experiência tem me mostrado que cada vez mais precisamos rever nossos critérios do que significa qualidade, pois um currículo muitas vezes não diz quem é o profissional, principalmente não permite saber de sua capacidade de trabalho em equipe e de valorização do estudante no dia a dia.

Tenho participado, ainda, desde 2002, de todas as edições do CIC da UFPel, como avaliadora, e do ENPós também. Tive experiências muito boas nestas avaliações, e também é uma oportunidade de conhecer as pesquisas dos colegas e das outras unidades. A troca neste momento é gratificante e oportuniza novas iniciativas.

De todas as experiências no ensino, talvez a mais forte delas tenha sido a do ano passado, justamente dentro de um período de greve, em que nós, professores do Centro de Artes fomos para as ruas e para as escolas debater a situação das Artes no Ensino Médio, a partir da proposta da Medida Provisória 746, que previa a retirada da obrigatoriedade do ensino de arte nos currículos do Ensino Médio. Eu coordenei várias destas ações nas escolas e nos manifestos e fiquei á frente de várias situações, como por exemplo ir à imprensa, à RBS dar entrevista sobre o movimento Re-existência, cujo nome também foi minha sugestão, assim como a ideia do “empacotamento” do prédio do Centro de Artes. Enfim, sei que protagonizei muito do que foi feito nos meses de outubro e novembro de 2016, em prol da defesa da permanência das Artes no Ensino Médio. O que, de certa forma, teve um retorno, ainda que não totalmente como queríamos. A força deste movimento veio de um sentimento de retrocesso que todos nós sentimos: predominava a sensação de que

tudo o que havia sido conquistado desde a LDB de 1996, estava se perdendo. Na lista das conquistas estão desde a ampliação do espaço do ensino da arte nas escolas; a formação continuada para professores; superação da polivalência na formação de docentes, ressignificamos a arte e suas especificidades, incentivamos relações interculturais e propostas interdisciplinares; cursos de Graduação e Pós-Graduação em Artes foram criados. Um cenário, que longe de ser ideal, permitiu ampliar e qualificar o campo em todo o Brasil.



O prédio do Centro de Artes da UFPel sendo empacotado de preto, manifesto pelo apagamento das Artes e das humanidades.



Entrevista no Jornal do Almoço, RBSTV, sobre empacotamento do prédio, e manifesto silencioso no centro de Pelotas, ambos no dia 07/12/2016



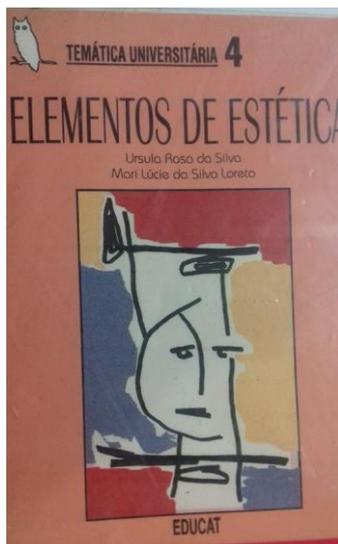
Conversa com professores e alunos do Colégio Pelotense 24 de outubro de 2016. E camisetas com a marca do movimento Re-existência

2.1.2 Produção Intelectual, publicações, Grupo de Pesquisa, Pesquisa e Extensão

Analisando a produção intelectual desses meus 25 anos de atuação no ensino superior e o que produzi, dentre 26 artigos em revistas; 27 livros e anais organizados; 25 capítulos de livros; 79 artigos completos em eventos e 151 entre palestras ou apresentação de trabalhos em eventos, creio que tive uma produção constante, sempre tentei dar visibilidade às pesquisas e aos estudos de aula, além de fazer articulações com meus alunos de Graduação e de Pós-Graduação. Penso que consegui manter uma coerência no meu modo de pensar e praticar a educação. Dos destaques, talvez possa concentrar-me nos livros que escrevi, frutos de pesquisas.

Meu primeiro livro, resultante de pesquisas, foi *A Linguagem Muda e o Pensamento Falante* (1994). Este livro traz a minha dissertação de Mestrado em Filosofia, que fiz na PUC/RS, conforme mencionado e ilustrado anteriormente.

O segundo livro que publiquei com a temática da estética ou filosofia da arte, foi *Elementos de Estética*, e surgiu de leituras e apontamentos que fiz preparando minhas aulas, quando ainda lecionava na UCPel. Como a área de estudos da estética, no fim dos anos 1990, era ainda muito incipiente, percebi que precisava publicar meus estudos para dar também aporte para meus alunos. Este texto tem a colaboração de minha colega Mari Lucie que publicou parte de sua dissertação de mestrado na segunda parte do livro. E a aceitação desta produção foi muito boa, pois teve uma segunda edição do livro, em 2003, no qual fiz uma atualização e acréscimo de textos.



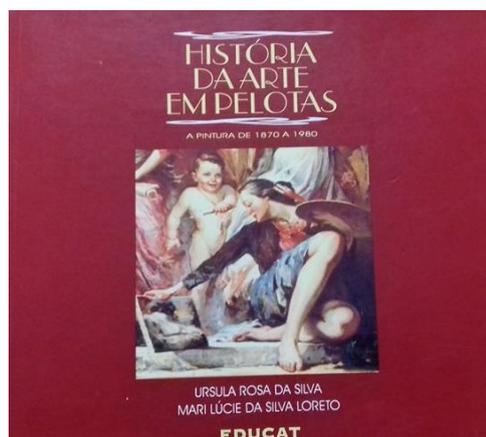
Capa do livro *Elementos de Estética*. Pelotas: EDUCAT, 1995 e notícia do lançamento na Feira do livro

Paralelo às aulas, como coordenadora do Projeto Arte na Escola, eu iniciei um projeto de extensão para tratar sobre as questões da arte contemporânea e da história da arte. Este projeto tinha um diferencial interessante, utilizava um programa de rádio para ser divulgado, era o **Arte em Foco**, um programa de arte com quinze minutos semanais na Radio Federal FM, da UFPel, e teve a participação de quatro alunos das artes visuais, que se dividiam na organização do roteiro, faziam entrevistas com artistas que estavam expondo na cidade, faziam a programação de eventos culturais e mostras de arte para divulgar e gravavam os programas. O projeto aconteceu em 1996 e 1997, sendo que no segundo ano fomos convidados a ampliar o tempo para 30 minutos pelo sucesso da proposta.

O livro *História da Arte em Pelotas*, que publiquei junto com a colega Mari Lucie Loreto, surgiu de uma necessidade de sala de aula e também, como coordenadora do curso de Educação Artística e também como participante do

Projeto Arte na Escola, em 1996, percebi que precisávamos de material para poder dar acesso aos professores da rede de ensino terem como trabalhar nas escolas a história da arte da nossa cidade.

Assim, comecei uma pesquisa nos jornais de Pelotas, nos Museus, nos acervos particulares, e consegui contato com a pasta de Adail Bento Costa, por exemplo, direto com sua irmã. A pasta de diversos artistas no Museu Leopoldo Gotuzzo, e fiz algumas entrevistas diretamente com artistas ou seus parentes, principalmente os que tiveram uma grande produção nos anos 1970 e 1980.



Livro em co-autoria com Mari-Lúcie Loreto, História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1980. EDUCAT, 1996.

Com esta publicação creio que ter contribuído um pouco para a história da Arte de Pelotas, fazendo um primeiro apanhado de artistas que viveram e produziram aqui desde o final do século XIX até 1980. E este livro passou a ser muito utilizado nas aulas de história da arte, passou a ser referência também para os professores de Pelotas como material didático. E foi também este livro que me encaminhou para meu projeto de Doutorado em História, pois, embora tenha a formação em filosofia e trabalhasse com estética como área de conhecimento, percebi que, para tratar dos conteúdos de artes, eu precisava encontrar um caminho entre a teoria e a prática nas artes. Este caminho para mim era a crítica de arte, e foi ao pesquisar sobre as artes em Pelotas que me interessei pelo tema da crítica de arte, pelo conteúdo dos artigos que analisavam as obras e diziam quem era ou não artista, o que poderia ser considerado como obra de arte ou não. Assim, em 1997, ingressei no Doutorado em História da PUC/RS, para tratar de crítica de arte em

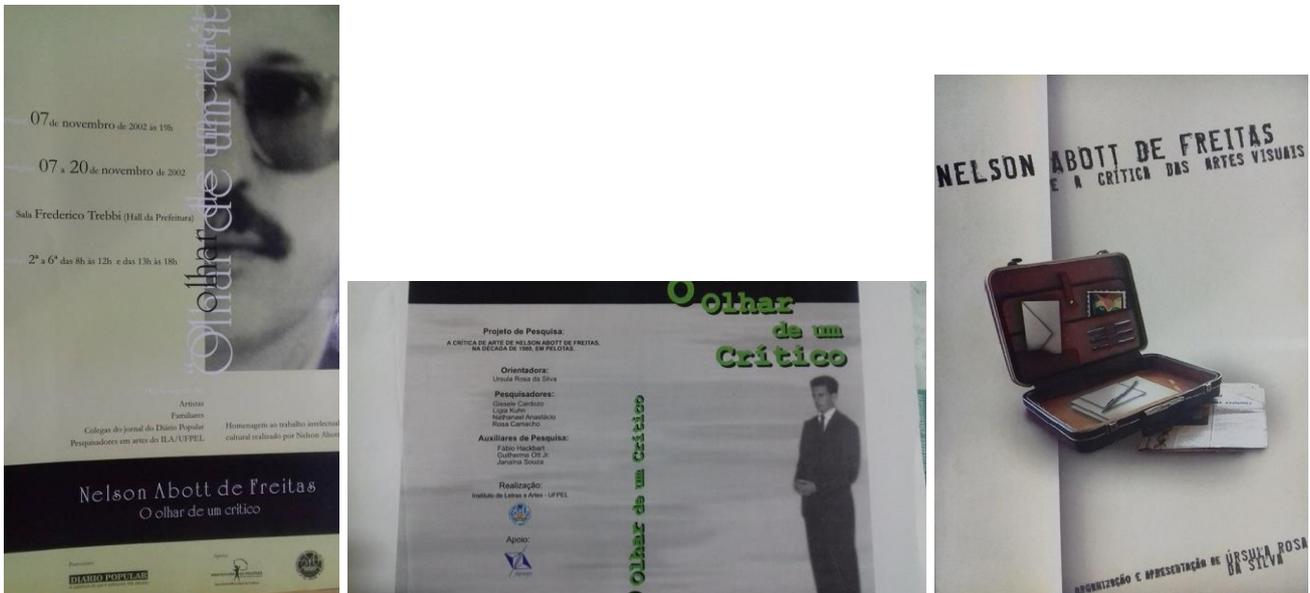
Angelo Guido, um professor do Instituto de Artes da UFRGS, um italiano que teria vindo para Porto Alegre, em 1925, para fazer uma palestra sobre o modernismo, que acabou ficando e sendo professor de estética e história da arte neste instituto. Mas o interessante é que ele era conhecido como pintor, e não como crítico de arte. Assim, minha tese trouxe à tona mais de 300 artigos de Angelo Guido, que tinha sido contratado, em 1928, para ser crítico de arte do jornal Diário de Notícias, função que exerceu até 1963, quando se aposentou.

Ao voltar do Doutorado, em 2002 iniciei como **líder de um grupo de pesquisa** junto ao CNPq que se chamou inicialmente **NEAP (Núcleo de Estudos em Arte e Patrimônio)**, atualmente é o **Caixa de Pandora**. Deste grupo fizeram parte muitos professores do Centro de Artes, que na época ainda se denominava ILA (Instituto de Letras e Artes). Assim professores dos três departamentos do ILA puderam fazer parte do grupo e muitos projetos de pesquisa foram originados entre nós. O grupo de pesquisa surgiu e se mantém com uma característica interdisciplinar, por isso temos várias linhas de pesquisa, que contemplam tanto as questões mais teóricas quanto as mais voltadas à prática artística. Um destes projetos tratava da questão da interdisciplinaridade, um conceito que surgiu junto com a nova LDB de 1996, e que ainda víamos que tinha muita dificuldade para ser implementada nas escolas. Desta inquietação, também surgiram **cursos de extensão** para professores de artes da rede de ensino, para tratar da arte na escola, como espaço interdisciplinar. E montamos um grupo de pesquisa sobre a interdisciplinaridade.

Em 2002 eu fui coordenadora de Licenciatura em Artes, que tinha três habilitações, Habilitação em Artes Plásticas, habilitação em Desenho e habilitação em Música. Neste mesmo ano, uma Resolução do Conselho Nacional de Educação definiu novos critérios para as Licenciaturas, e um deles era de que a polivalência deveria ser superada. Assim, fizemos uma revisão e separamos as Licenciaturas em Artes Visuais e Licenciatura em Música.

Neste ano também iniciei um **projeto de pesquisa**, que durou até 2005, a respeito da **crítica de arte de Nelson Abott de Freitas, no jornal Diário Popular**. Esta pesquisa foi muito importante pelo que foi possível de produzir de dados sobre este personagem, assim como a homenagem póstuma que foi possível fazer a ele. Eu e meu grupo de orientandos tivemos contato com a família dele, pois o crítico já

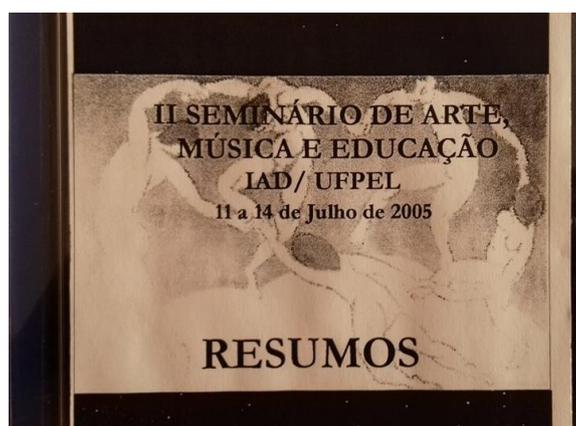
havia falecido há doze anos. A sua esposa nos deu acesso aos seus arquivos, de jornais, fotografias, críticas, textos. Consegui fazer vários produtos de pesquisa e o mais importante, o crítico obteve um maior reconhecimento pelo próprio espaço que ocupou como programador cultural na cidade.



Cartaz da exposição feita em 2002 na Prefeitura de Pelotas; Capa do Videodocumentário sobre a vida de Nelson Freitas e Livro resultante da pesquisa sobre Nelson Freitas, 2004.

O outro **projeto de pesquisa**, que aconteceu de 2003 a 2005, sobre a **interdisciplinaridade** me levou às temáticas do ensino da arte e da filosofia com crianças. Neste grupo a pesquisa cresceu e virou também projeto de extensão, pois fomos para algumas escolas de Pelotas (a Escola Paulo Freire, no bairro Dunas e a Escola São Francisco), colocar em prática nossos conhecimentos adquiridos na pesquisa. Aprendemos a trabalhar interdisciplinarmente em sala de aula, com o grupo. E isso nos levou a exercitar todas as dificuldades de trabalhar de modo interdisciplinar em grupo e na escola. Esta pesquisa, de certa forma, foi responsável por muitas participações em eventos e publicações que fizemos, enquanto grupo, eu e os alunos, que eram das áreas de Artes e da Filosofia, e para minha felicidade, vi estes alunos todos se encaminharem para mestrados e para empregos em escolas e, inclusive, duas delas hoje são colegas da UFPel (Kelin Valeirão e Vanessa Leite). Ligado a esta pesquisa nasceu o **SAME: Seminário de Arte, Música e Educação**, com viés interdisciplinar, que pretendia unir alunos em formação e professores

destas áreas para debater as reformas da LDB e os modos de aplicá-la na escola. Os Anais destes Seminários eram organizados junto com meus orientandos de iniciação científica de modo que pudessem conter as palestras do evento e os resumos das comunicações. Muitos professores da rede de ensino participavam e registravam seus resumos, na sua maioria eram relatos de experiências, o que fazia com que fossem estimulados a começar a publicar. Este evento deu origem ao atual **Seminário Internacional sobre Ensino de Arte**, na sua 3ª. Edição em 2017, promovido pelo Projeto Arte na Escola, desde quando fui coordenadora em 2010, e pelo Mestrado em Artes Visuais, da linha da qual participo, sob minha coordenação e da profa Nadia Senna. Por meio deste evento foi possível iniciar grandes parcerias com outras universidades brasileiras, na pesquisa e nas publicações, como a UFG, a UFSM e estamos iniciando um intercâmbio com a UdelaR, Uruguai.

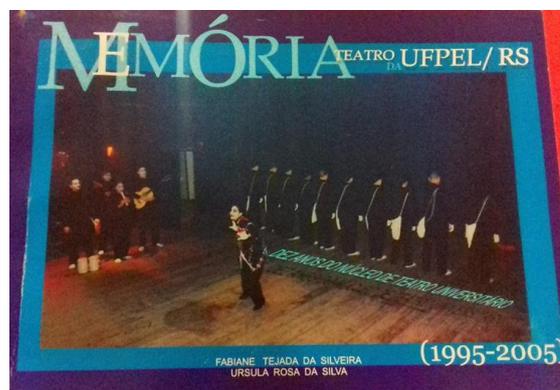


Anais dos resumos do SAME em CDrom, 2005



Anais do II Seminário Internacional Ensino da Arte, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9hrl7rJtjwqR3NGcVZ1VFBxdW8/view>

Em 2005 fiz uma **pesquisa** junto com a colega Fabiane Tejada a respeito dos dez anos de atividade do **projeto Núcleo de Teatro da UFPel**, que era ligado a um dos departamentos do ILA, e como coordenadora dos cursos de Licenciatura, coordenei a pesquisa. Junto a este projeto fizemos um grupo para estudar a implantação de um curso de Licenciatura em Teatro no ILA. Eu, Fabiane Tejada e a profa Carmen Lucia Biasoli lideramos este estudo até que em 2007 foi criado o Curso de Teatro, e logo em seguida, com o REUNI sendo implementado na UFPel, também criamos o curso de Dança, vinculado inicialmente ao Teatro.



Livro em co-autoria com Fabiane Tejada, sobre a Memória do teatro da UFPel/RS: dez anos do Núcleo de teatro universitário (1995-2005). Editora da UFPel, 2006.

Em 2007 iniciei um projeto de pesquisa que teve origem em um seminário que organizei junto com o coordenador do curso de Filosofia (IFISP), naquela época, o prof. Clademir Araldi, que foi: o **Seminário sobre Pensamento Feminino na Filosofia**. A partir deste encontro, percebemos que tanto a história da filosofia quanto a história da arte não mencionavam as mulheres em seus registros. O grupo que participou deste Projeto de pesquisa estava composto por alunos dos cursos de Artes Visuais, Música e da filosofia. Foi um projeto que juntou dois temas que eram: o esquecimento das mulheres nas artes e na filosofia e também a questão da interdisciplinaridade na escola. O grupo acabou desenvolvendo dois projetos de pesquisa, um mais voltado às questões de gênero e o outro mais voltado para o ensino de arte e filosofia para crianças.

Deste modo, surgiu o projeto de pesquisa **Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres pensadoras no século XIX e XX**, que existe até hoje, e que também deu origem a um evento internacional que a cada edição cresce e se consolida: o **Simpósio de Gênero, Arte e Memória**, que em 2018 terá sua sexta edição.



Logotipo do Grupo de pesquisa Caixa de Pandora

Além dos livros que publicamos vinculados à pesquisa e aos eventos de extensão, fizemos um CDrom Didático que foi apresentado aos professores da rede de ensino de Pelotas em um seminário sobre Gênero e Escola, em 2010. O conteúdo deste CDrom são as pesquisas que desenvolvemos a respeito de algumas artistas e pensadoras, tais como Camille Claudel, Frida Kahlo, Leda Catunda, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Maria Zembrano, que são apresentadas com textos e imagens de suas obras.

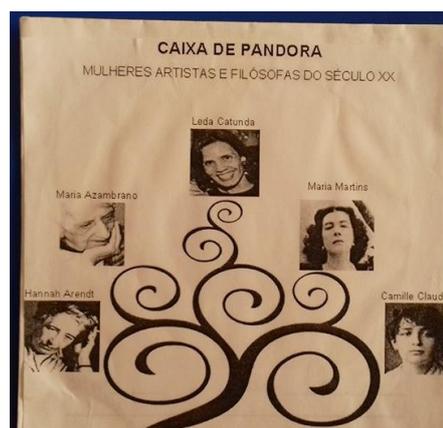


Imagem do CDrom Didático do projeto Caixa de Pandora.

Vinculado às pesquisas do **Projeto Caixa de Pandora**, a questão de Gênero deu origem ao evento **SIGAM (Simpósio Internacional de Gênero Arte e Memória)**. Este evento foi coordenado por mim desde o início, mas esteve vinculado, primeiramente, ao Mestrado de Memória Social e Patrimônio Cultural, pois eu fiz parte do corpo permanente deste mestrado, de 2006, fazendo parte do grupo de criação do mesmo, até 2012. Neste ano também foi criado o Mestrado em Artes Visuais e precisei optar por uma das duas Pós-Graduações, assim, o Simpósio passou a ser vinculado ao Mestrado de Artes, coordenado por mim e, atualmente, tem a colaboração da profa Nadia Senna. O **projeto de pesquisa Caixa de Pandora** passou a ser grupo de pesquisa no CNPq em 2016, sob minha coordenação.



Livros resultantes do SIGAM 2008



Imagem dos Anais em CDrom do I SIGAM 2008



Imagens dos cartazes do SIGAM, Anais disponíveis in: <http://wp.ufpel.edu.br/artenaescola/anais/>



Mesa de abertura do V SIGAM, dezembro de 2016.



Coordenadoras do V SIGAM Profa. Nadia Senna e Profa. Ursula Rosa da Silva, 2016.

Em 2010 comecei outro projeto de pesquisa, voltado para o estudo da história do ensino de artes na UFPel, este também está em andamento até o momento, o **projeto: Revisitando o Instituto de Letras de Artes (1969-2010)**. Este projeto iniciou logo após as comemorações dos 60 anos da Escola de Belas Artes que deu

origem aos cursos de Artes da UFPel, mas a ideia já estava sendo pensada desde 2008. A especificidade deste projeto é que surgiu do carinho por professoras que tinham sido colegas e faleceram, estando em seu auge de suas pesquisas e envolvimento acadêmico. Com a perda das professoras Eliane Nunes, que estava fazendo seu doutoramento na Bahia, e da profa. Carmen Biasoli, que faleceu logo depois de defender seu doutorado, eu me senti como que com a missão de falar um pouco da história dos professores do ILA (Instituto de Letras e Artes, hoje Centro de Artes).

As memórias da docência estão, em geral, ligadas a aspectos biográficos, ou seja, quando se fala de uma metodologia aplicada por professores, também é preciso considerar o modo como estes professores se formaram, como vêm o mundo, quais as suas expectativas no campo do ensino, enfim, a pessoa que ensina é parte do processo de ensino, e suas escolhas estão, a todo o momento, influenciando seu modo de agir e sua atuação como docente e como formador.

Marie-Christine Josso, que trabalha com o método biográfico, mostra como as histórias de vida são fundamentais para a constituição do processo de formação. Na obra *Experiências de Vida e Formação*, ela aborda a importância das histórias de vidas, como material de apoio na investigação sobre formação, principalmente no espaço universitário. Para Josso, o enfoque por histórias de vida tem dois objetivos: evidenciar o modo como o pesquisador modifica seu posicionamento ao se envolver e aprimorar a metodologia de pesquisa-formação vinculada a uma história de vida; e constituir um novo campo de reflexão, abrangendo a formação e a autoformação (2010, p. 31). Além da evidenciação da memória no processo de reconhecimento desta constituição da formação, a reflexão sobre a autoformação está presente neste desenvolvimento de uma escrita de si, como diz Josso (2010, p.35) são: “aprendizagens experienciais a partir do que nos dizem as narrativas de formação que servem de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem”.

É essa experiência de formação transformadora que busco encontrar em nos professores, a partir da pesquisa que desenvolvo no projeto: Revisitando o Instituto de Letras de Artes (1969-2010), em que abordo o trabalho dos docentes que passaram, e que ainda estão, no atual Centro de Artes da UFPel. A memória do trabalho, das vivências e das realizações dos professores é um dos enfoques que

pretendo trazer à tona, considerando que este Centro é formador de profissionais que atuam, na sua maioria, no Sul do Brasil desde os anos 1970. Além do aspecto de historiografar os momentos vividos no ILA, este estudo pretende retomar a produção dos professores no sentido de dar ênfase as suas concepções pedagógicas dentro do ensino superior, sua visão do que significa o ensino de arte, quais as metodologias e procedimentos para efetivá-lo na formação tanto de artistas quanto de professores de artes, e se este ensino nos aponta especificidades nas visualidades produzidas.

A história do Centro de Artes passou por várias transformações e denominações – Escola de Belas Artes Carmen Trápaga Simões (1949), Instituto de Artes (1971), Instituto de Letras e Artes (de 1973 a 2005), e Instituto de Artes e Design (de 2005 a 2010) – e o cotidiano desta memória ainda tem poucos registros em textos com o enfoque da historiografia.

No ano de 2012, dando sequência a uma série de atividades para retomar a história do ILA – Instituto de Letras e Artes (atual Centro de Artes), eu coordenei um encontro denominado **Seminário Memórias do Ensino da Arte**, para o qual foram convidados professores aposentados, para conversar com alunos e professores, a respeito de suas memórias como docentes da UFPel, suas estratégias como gestores e de suas metodologias de ensino no campo da arte. Os relatos foram registrados em vídeo e, no depois no ano de 2014 foi documentado¹.

Assim, ao realizar esses encontros com pessoas e com seus textos, reveladores de um tempo enriquecedor de vida como formadores, tenho registrado algo do que foi a vida e o ensino das artes deste Centro de Artes, desde as suas origens, principalmente por meio dos rastros destes professores que deixaram sua marca, seus sonhos, seus afetos e realizaram obras, proporcionaram grandes momentos de ensino, de testemunho de vida, de dedicação à instituição acadêmica e inventaram um cotidiano múltiplo de visualidades, com o qual nos comprometemos a dar continuidade.

Alguns resultados desta pesquisa tenho apresentados em artigos e em palestras, em que trago a metodologia de ensino destes professores. Alguns dos

¹ Um vídeo documentário foi produzido e encontra-se disponível em: <http://paeufpel.blogspot.com.br/2014/06/centro-de-artes-origens.html>.

quais já trouxe nesta publicações foram o prof. José Cava, a profa Miriam Anselmo, a profa. Carmen Biasoli e a profa, Luciana Leitão.

exposição
**REVISITANDO O
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES**
(1969 - 1989)

Abertura 13.10.2010 às 18 horas
Visitação de 13.10.2010 a 07.11.2010

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
Rua General Osório, 725 - Centro - Pelotas

A exposição **Revisitando o ILA (1969-1989)** pretende dar continuidade à série de atos comemorativos aos 60 anos da trajetória do ensino das artes, iniciada com a fundação da Escola de Belas Artes Dona Carmen Trápaga Simões (EBA), em 1949.

Para tanto, em abril de 2009 foi realizada uma mostra retrospectiva de obras de professores e alunos da EBA.

Neste ano de 2010, dando seguimento à proposta de visitar e retomar as ações da instituição, que teve sua origem vinculada à EBA, tomamos mais 20 anos desta memória para trazer à tona aspectos da história e do cotidiano do Instituto de Letras e Artes (ILA).

Assim, esta exposição comemorativa é o primeiro passo para a retomada desta

memória, trazendo trabalhos de professores e alguns funcionários do período compreendido entre 1969 e 1989.

Além disso, pretende-se estender a homenagem aos professores e funcionários que fizeram parte do Instituto de Letras e Artes nos seus vários cursos (Letras, Música, Artes Visuais, Arquitetura), nomeando-os nesta pesquisa histórica.

Cabe ressaltar que, possivelmente, nem todos os nomes e nem todos os fatos estejam contemplados na mostra.

Nesse sentido, sua realização precisa ser entendida também como um convite à comunidade e aos ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários para que nos ajudem a unir os elos dessa história.

Curadoria:
Prof. Lúcia Rosa da Silva
Prof. Wilson Marcelino Miranda
Prof. Maria de Lourdes Reyes
Prof. Laurir Alves Nunes dos Santos

Equipe de Pesquisa:
Prof. Lúcia Rosa da Silva
Prof. Laurir Alves Nunes dos Santos
Prof. Wilson Marcelino Miranda
Prof. Maria de Lourdes Reyes
Prof. José de Jesus Mendes
Prof. Fabiane Tejada da Silveira
Prof. Nicotia Carangi Lima

Projeto Gráfico:
Subdesign Estúdio
Guilherme Frank Teixeira
Josiane Duarte dos Santos

Produção Gráfica:
Estrada Montagna da Silveira

Colaboração:
Prof. Raquel dos Santos Schwonke
Prof. José Luiz de Pellegrini
Prof. André Buarque
Alina de Léo Pallas
Apelo Acadêmico da Silveira
Denise da Silva Oliveira
Dárcil Cristina Chaves Becker
Marta Christina Rocha Bachill
Arlak Carolina Granado Norenberg

Apoio Técnico:
Jocasta Soares dos Santos
Paula Brevet Pinto
Adriane Schrage Wächter

Montagem:
Subdesign Estúdio

Mediação:
Projeto Ações Educativas em Arte
Prof. Estrada Azevedo Gonçalves

Subdesign Estúdio
Coordenadora - Profa. Lúcia Costa Weymar

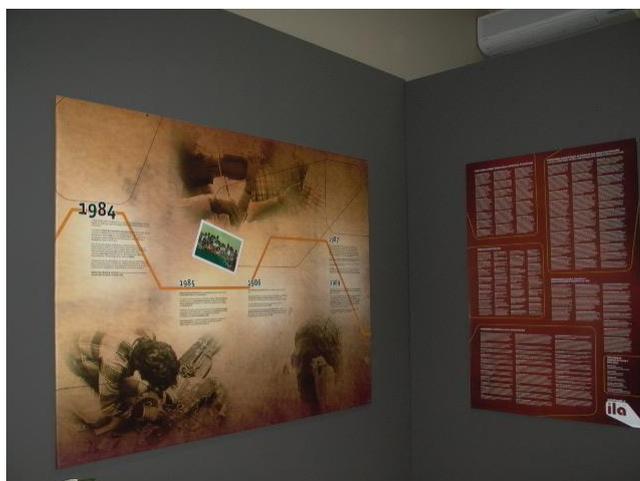
Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo
Chefe - Profa. Raquel dos Santos Schwonke

Instituto de Artes e Design
Diretor - Prof. Laurir Alves Nunes dos Santos
Vice-diretor - Prof. Carlos Alberto Avila Santos

Universidade Federal de Pelotas
Reitor - Rinaldo César Gonçalves Borges
Vice-Reitor - Manoel Luiz Brenner de Moraes

725
SuaMALG
MALG
IAD
ILA

Cartaz da Exposição referente à pesquisa Revisitando o Instituto de Letras e Artes (1969-1989), em 2010, no MALG.



Detalhe da Exposição Revisitando o Instituto de Letras e Artes (1969-1989), em 2010, no MALG.



Centro de Artes - Origens <http://paeufpel.blogspot.com.br/2014/>
Documentário que conta as origens do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, desde os tempos da Escola de Belas Artes (EBA). Este é um dos produtos do projeto de pesquisa Revisitando o ILA (1969 - 2010), orientado pela prof^a. Ursula Rosa da Silva.

Em relação aos Projetos de Extensão, posso destacar a coordenação do **Projeto Arte na Escola**, em 1996 e em 2010, junto ao qual organizei vários eventos de formação continuada, eventos de extensão e que resultaram em uma coleção de publicações a respeito do tema Ensino de Arte, também sob minha coordenação e organização, alguns com co-autoria de professoras do Centro de Artes. Estes livros são oriundos das palestras realizadas nos Seminários sobre Ensino de Arte, os quais organizei, alguns deles, com colaboração de colegas do Centro de Artes, da Faculdade de Educação e da FURG. A importância destas publicações foi ter estimulado tanto alunos de Graduação e de Pós-Graduação a terem participado com artigos, quanto ter motivado professores da rede de ensino a começarem a produzir textos que inserimos nestas publicações. Além disso, uma participação que considero importante, foi a publicação da artista Arlinda Nunes, que com 85 anos, fez um texto escrito à mão, por não utilizar computador, e ficou muito feliz de poder ter um texto seu dentro de um livro sobre Ensino de arte. Ela trouxe a sua experiência de professora que foi na Escola Assis Brasil e falou de suas obras feitas com sucatas e material reciclável.



Alguns dos livros que organizei com a temática Ensino de Arte, junto ao Projeto Arte na Escola (2010 a 2013)



Alguns dos livros que organizei com a temática Ensino de Arte, junto ao Projeto Arte na Escola (2010 a 2013)

Com uma atuação bem expressiva que tive na coordenação do Programa de Extensão Arte na Escola, obtive um **prêmio do Instituto Arte na Escola**, em 2011, um reconhecimento pelo trabalho junto aos professores da rede de ensino de Pelotas e região e com a divulgação do acervo com o qual trabalhamos e emprestamos para os professores usarem na sala de aula.

Estas publicações trazem algumas das palestras realizadas nos **Seminários sobre Ensino de Arte**. A importância destes livros, além de serem os primeiros da UFPel que tratam do ensino de arte, é apresentar textos de professores da rede de ensino, que foram estimulados a mostrar seu trabalho feito nas escolas. Também temos artigos de alunos de Graduação e da Pós-Graduação.

Estes livros e os Seminários foram e são importantes para mantermos um vínculo entre os alunos em formação e os professores que atuam nas escolas. Outro

fato relevante foi a participação de uma artista, Arlinda Nunes, que com 85 anos publicou seu primeiro artigo numa coletânea sobre ensino de arte, tratando de sua época de professora no Colégio Assis Brasil e de como trabalhava com material reciclável. Isso tudo nos estimula a seguir com propostas que sejam motivadora da participação da comunidade docente e estudantil.

Além das publicações e eventos que promovemos, no sentido de efetivar a formação continuada de professores, também, conseguimos ampliar a rede do Projeto abrindo um sub-Polo na cidade de Bagé, junto ao IFSul de lá. O Projeto Arte na Escola foi ampliado para a região da Campanha através do convênio entre a UFPel, e o IFSul campus Bagé, e em 2013, criamos um sub-polo no IFSul de Rio Grande.



Projeto Arte na Escola será ampliado para a região da Campanha <http://paeufpel.blogspot.com.br/2011/>
Estiveram presentes na assinatura do convênio o reitor Cesar Borges, o reitor do IFSul, Antônio Carlos Brod, o diretor do IFSul campus Bagé, professor Idílio Manuel Victória, a coordenadora do Projeto na UFPel, professora Úrsula Rosa da Silva, e a coordenadora do Projeto no campus Bagé, professora Sandra Vieira.

Muitos eventos foram coordenados por mim, com o objetivo de sempre aproximar alunos e professores da rede de ensino, Graduação e Pós-Graduação. Outra aproximação que também tenho feito é com artistas de Pelotas, para que os artistas em formação também tenham esta referência de atuação profissional. Realizei algumas curadorias de exposições, tanto de alunos quanto de artistas.

Destaco a exposição, cuja curadoria fiz com a profa. Caroline Bonilha, da trajetória da artista Harly Couto, que aconteceu no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, em 2016. Foi uma oportunidade de valorizar uma artista local, com 85 anos de vida e de muita produção.



Imagens da Exposição Vestígios de Harly Couto, 2016

Outras exposições que coordenei, duas delas (2010 e 2013) foram a respeito da pesquisa Revisitando o ILA, mostras que mostraram cada uma delas vinte anos de atuação do Instituto de Letras e Artes. A primeira aconteceu no MALG e a segunda na Laneira, que foi um espaço cultural que tivemos entre 2012 e 2015, a partir do qual foi possível fazer várias mostras com caráter contemporâneo de obras de grande porte.

E também posso dizer que as Mostras de Gênero que temos feito junto aos Simpósios que acontecem a cada dois anos, o SIGAM, são espaços para as questões de arte e gênero que aos poucos se consolidam, principalmente considerando que é um dos poucos que traz a temática de arte e gênero no Brasil, depois dos eventos da UDESC. Duas destas mostras aconteceram no ano de 2016, em meio à greve da UFPel, mas foi justamente para garantir o debate que decidimos manter os nossos eventos. A Mostra Transgressões de Pandora e a mostra Revivendo a Ceia de Judy Chicago tiveram grande repercussão. A Ceia, por exemplo, foi uma proposta em que 34 convidadas homenageavam 34 artistas mulheres com um prato na mesa que lembrava a obra da artista Judy Chicago que fez o mesmo em 1975.



Imagem da mostra/performance Revivendo a Ceia de Judy Chicago, 2016

2.1.3 Orientações

As orientações de Graduação e de Pós-Graduação sempre foram motivadoras de aprendizagem, pois é um desafio fazer as escolhas de autores, conceitos e metodologias que possam contribuir para as pesquisas dos alunos. Nem sempre essas pesquisas estão diretamente relacionadas com o que pesquisamos, e isso torna maior o compromisso da escolha.

No período em que trabalhei no Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (2007 a 2012) foi o momento de maior diversidade nos temas de orientação. Nesta época, tive o grande prazer de orientar o agora colega e professor Roberto Heiden, que fez um trabalho inovador relacionando Arte Contemporânea e Memória, no qual chegou a um conceito novo para tratar da guarda e memória da arte efêmera em museus. Ele também foi o primeiro a defender sua dissertação neste Programa, completando uma felicidade minha de ter participado desde a criação deste Mestrado e ter o primeiro mestre sob minha orientação, que obteve uma aprovação com louvor. Além deste trabalho, outros posso destacar, como, por exemplo, o fato de ter orientado três bibliotecárias da UFPel (Aline Baptista, Ayde Oliveira e Carmen Giusti) que me escolheram como orientadora. Cada uma delas fez um trabalho com um foco diferenciado para a questão dos livros, guarda de livros, importância de acervos, projetos de pesquisa que tiveram um retorno para a nossa instituição. Ou seja, além de qualificar técnicas da UFPel ainda os seus estudos puderam ter uma visibilidade na aplicação de suas pesquisas. Um trabalho, que orientei e que também me surpreendeu com seu resultado, foi uma dissertação a respeito do saneamento em Pelotas (de Janaína Xavier), que aprofundou a questão

da modernidade no início do século XX como destaque. Este foi um trabalho defendido dentro de uma Estação de Tratamento de Água para falar do acervo que a cidade possui e a importância de Pelotas como cidade implementadora do progresso no saneamento básico, no início do século XX.

No Mestrado em Artes Visuais, que iniciou em 2012, me deu a possibilidade de relacionar mais ainda as pesquisas com minha área de interesse. Neste já tenho várias dissertações defendidas e com muita qualidade. Como por exemplo, a História da Escolinha de Artes de Pelotas, defendida em 2017, por Marge Peixoto; e outro que destaco é a primeira dissertação que orientei, cuja aluna Ana Manuela Regis foi minha bolsista de iniciação científica, minha orientanda de extensão e que deu um salto de qualidade no mestrado, com um tema que envolvia gênero, artesanato e ensino de arte. Um motivo de orgulho para nosso Mestrado, e para mim, foi ter orientado três trabalhos de professoras de Bagé (Ana Quadros; Ana Vaz e Paula Pinto), prova de que estamos atuando na Região e qualificando professores que estão nas escolas. Uma experiência também de boa troca foi uma co-orientação que fiz junto ao Mestrado de Gestão Cultural na Universidade do Algarve, Portugal. O tema foi sobre mulheres artistas em Portugal e no Brasil. Esta experiência me levou a um convite para uma co-orientação de doutorado na UFSC, que está em andamento.

O que gostaria de destacar, das orientações de Especialização e de Iniciação científica, é que muitos dos meus orientandos deram continuidade aos estudos em um curso de Mestrado, em Pelotas, ou indo para outras cidades. Das orientações de Especialização que me emocionou tive duas, a de Letícia Pereira e a de Carla Amaral, que foram inicialmente orientandas da professora Eliane Nunes, que veio a falecer em 2008, e então elas passaram a fazer seu trabalho comigo, e isso me envolveu com seus trabalhos que tratavam das questões de afro-descendência na arte e a profa Eliane tinha sido minha orientanda na Especialização em 1997. Estes trabalhos me foram especialmente atribuídos e de certa forma, a falta da Eliane me fez elaborar um projeto de pesquisa para trazer a memória dos professores que passaram pelo ILA (hoje Centro de Artes), mas que se aposentaram ou faleceram e aqueles que vem depois muitas vezes não sabem da importância dos feitos dos nossos docentes.

Com as orientações de Iniciação Científica, obtive vários destaques e premiações, destas, enfatizo a de 2004, com uma pesquisa sobre o crítico de arte Nelson Abott de Freitas, pesquisa que permitiu fazer um reconhecimento ao crítico que tinha dedicado sua vida à arte, sem ter tido seu mérito evidenciado, e creio que a pesquisa e todos os produtos que fizemos, como um documentário sobre ele; uma exposição com obras dos artistas que ele analisou; um site com os resultados da pesquisa; um livro com suas principais críticas, enfim esta pesquisa enalteceu seu objeto, e trouxe o personagem à tona. A família dele nos deu muito apoio com o levantamento de dados e isso também estimulou a esposa de Nelson a publicar uns manuscritos que ele tinha guardado com lembranças de Pedro Osório, sua terra natal. Senti a sensação de dever cumprido.

As orientações de TCC também foram motivadoras de reflexão, pois, em geral os estudantes buscam fazer relação com o campo de trabalho e as questões mais difíceis de realizar em aula. Muitos destes trabalhos que orientei se relacionaram com a prática em sala de aula, questões de metodologia de ensino de artes, questões de gênero na escola, a questão da imagem e da arte contemporânea na escola. Estes temas acabam sendo tratados, pela demanda que apresentam, nos eventos que promovemos de qualificação docente, nos artigos que escrevo e nas pesquisas que realizo. Ou seja, há uma relação constante na minha prática entre ensino, pesquisa e extensão, de modo que foi difícil escrever este texto tentando separá-las para apresentá-las sistematicamente aqui.

2.2 CARGOS ADMINISTRATIVOS

Ao mergulhar neste documento, vou revivendo e confirmando algumas concepções: primeiro, que existe uma estrutura na instituição de ensino da qual não se pode prescindir, e a qual, cotidianamente temos que enfrentar. Segundo, que a base pedagógica está absolutamente ligada à estrutura físico-administrativa da instituição.

As atividades administrativas me foram apresentadas bem no início de meu ingresso na UFPel. Em 1996 fui eleita **coordenadora do curso de Educação Artística**. Simultaneamente a esta coordenação, também fiz parte da coordenação do Projeto Arte na escola. Por que esta observação? Porque o projeto Arte na

Escola me colocou em ligação direta com os professores da rede de ensino, e isso me deu uma boa perspectiva do trabalho que tinha que ser feito, dentro e fora da UFPel. Então eu tentei organizar as atividades do Curso articulados com a Secretaria Municipal de Educação e com a Coordenadoria Regional de Educação.

Nesta primeira vez que coordenei o Curso tivemos uma grande mudança, com a LDB de 1996, tivemos a necessidade de mudar o currículo, mas mais do que isso. Como a área de artes – que antes era uma atividade dentro da escola, sem caráter obrigatório – passou a ser área de conhecimento e componente curricular, o curso teve mudanças importantes, a começar pela mudança do nome que deixou de ser Educação Artística e passou a ser Curso de Licenciatura em Artes, permanecendo com três habilitações: em Desenho; em Artes Plásticas e em Música.

Após esta mudança ser efetivada, saí em licença para fazer o Doutorado, em 1997. Quando voltei em 2001, novamente fui eleita **coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes**. E, novamente, por determinação de uma Resolução do Conselho Nacional de Educação, tivemos que mudar o currículo. E a mudança desta vez modificou mais ainda, pois tivemos que separar Música e Artes Plásticas em dois cursos de licenciatura, cada um com sua especificidade, e a habilitação em Desenho foi extinta, por não ser mais oferecida no Brasil.

Com a mudança de currículo começamos a oferecer eventos como o Seminário de Música, Arte e Educação, para que os professores da rede de ensino pudessem se atualizar em termos de LDB e as novidades para a área de artes, e ainda sobre a questão da interdisciplinaridade na escola.

Entre os anos de 2005 a 2006 fui **vice-diretora do Instituto de Letras e Artes**, participei de um grupo de estudos para a criação do Curso de Teatro. Participei dos Colegiados de Artes Licenciatura e do Colegiado de Licenciatura em Filosofia. Em 2006 participei da criação do curso de Pós-Graduação do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, do qual fiz parte até 2012. A experiência de elaboração da proposta deste Mestrado foi muito interessante, pois trabalhamos com professores de várias unidades acadêmicas, como Faurb, ESEF, ICH, Instituto de Artes e Design (atual Centro de Artes) e colocar em prática uma visão interdisciplinar foi muito desafiador e gratificante quando foi aprovada. Enfim, era sinal de que tínhamos pensado e realizado um estudo bem coerente, e o grupo estava formado. Um novo grupo como qual trabalhei até 2012.

Em 2010 participei da comissão de criação do curso de Pós-Graduação do Mestrado em Artes Visuais, e com a aprovação deste pela Capes, optei em fazer parte de apenas um Pós-Graduação para poder concentrar a produção acadêmica. A elaboração deste Mestrado foi mais desafiadora, pois ao ter uma negativa na primeira proposta, tivemos que lapidar os objetivos do que queríamos, e isso me fez propor uma das linhas do Mestrado, na qual atuo, Ensino de Arte e Educação Estética. O que me fez propor esta linha foi toda a experiência que tive com a Licenciatura em Artes, com a atuação junto aos professores da rede de ensino e com os eventos de formação continuada que coordenei, voltados para este público. Eu sabia que havia uma demanda desta comunidade, da nossa Região, por um espaço de qualificação nos cursos de Artes. Este viés da especificidade de ter uma linha voltada para o Ensino foi o que destacou a proposta e ela foi aprovada.

Em 2013 fui eleita **Diretora do Centro de Artes**, tendo como diretor adjunto o professor Rogério Constante, que com sua saída para Pós-doutoramento, foi substituído pela profa. Nadia Senna. A proposta que me elegeu foi o que me orientou para minha gestão e, posso dizer que consegui realizar grande parte do que me propus a fazer. E isso talvez tenha me permitido ser eleita pela segunda vez em 2017.

Um aspecto importante a ser considerado é que, quando assumi em 2013, o Centro de Artes ainda estava se estruturando, pois, como tinha passado por um processo de reestruturação em 2010 – quando o Instituto de Artes e Design se uniu ao Conservatório de Música, dando origem ao Centro de Artes. Nesse sentido, não tínhamos ainda um regimento aprovado, porque foi um processo bastante demorado com a adaptação da extinção de Departamentos para a existência única de Colegiados de Cursos. Os coordenadores de Curso passaram a ter outras atribuições além das questões pedagógicas. Por isso o regimento demorou a ser aprovado, foi muito discutido, e esse era um dos primeiros objetivos de minha gestão.

Outro ponto decorrente deste anterior, então, era é ainda é promover uma maior integração dos Cursos do Centro de Artes, tentar otimizar os currículos, de modo a integrar cursos e ampliar saberes (inter, transdisciplinaridades), otimizando também a carga horária docente, sem deixar de valorizar as diversidades e as

especificidades. Além disso, estamos fazendo estudos nos projetos pedagógicos para que haja isonomia entre os Colegiados de Curso do Centro de Artes.

A revitalização nas ações do Museu Leopoldo Gotuzzo foi possível, também, com uma organização da equipe e com a conquista de vagas para museólogo, conservador de acervo e para o setor de documentação. E uma sede própria para o MALG que fez 30 anos em 2016 já é uma realidade bem próxima. O mesmo ainda não posso dizer do prédio do Conservatório, que fará 100 anos em 2018 e, mesmo tendo suas atividades no mesmo lugar por todo este tempo, ainda não tem a sede como sua, pois o prédio é do Município.

Um projeto de ocupação total do prédio do Conservatório foi feito em 2013 e foi apresentado ao prefeito de Pelotas em fevereiro de 2014, junto com a reitoria da UFPel, para propor uma troca que possibilite que a UFPel fique com o prédio do Conservatório definitivamente.

O estímulo à qualificação dos técnicos também se efetivou, tendo atualmente sete técnicos cursando Pós-Graduação. Quanto à qualificação docente também melhoramos o índice. Em 2013 quando assumi tínhamos 50% do corpo docente com Doutorado, em 2017 já estamos em 64% e até 2019 teremos 80% dos professores com Doutorado.

Elaborei, com uma comissão do Centro de Artes, o nosso PDU (plano de desenvolvimento da unidade), que já foi discutido com professores e com técnicos, apenas os estudantes ainda não terminaram o processo de debate. Pretendo aprovar e implementar este PDU muito brevemente.

Algumas das ações que desenvolvo têm com o pressuposto a relação direta e imprescindível entre concepção pedagógica e estrutura para que esta aconteça. O planejamento tem que ser feito contando com as condições possíveis, mas com a meta das condições a serem conquistadas. Deste modo, quando assumi a Direção em 2013, estávamos no processo de terminar uma construção, do Bloco 2 do Centro de Artes, que ficou pronto e nos foi entregue em julho de 2014. Tivemos que estruturar as salas de aula, com equipamentos, mobiliário, internet, telefonia, e isso foi feito e possibilitou que os cursos de Cinema e Audiovisual, Cinema de Animação, Design Digital, Design Gráfico, Música Bacharelados, Música Licenciatura, pudessem se organizar e ter seus espaços. Além disso, tivemos em 2015 a interdição do prédio dos Cursos de Teatro e Dança, o que fez com que tivéssemos

que ceder algumas salas para que as aulas destes cursos pudessem ocorrer também nos blocos 1 e 2 do Centro de Artes.

Com a crise nacional e a falta de verbas tivemos que adiar a reforma do prédio dos Cursos de Teatro e Dança, embora tenha ficado quase todos os quatro anos de minha primeira gestão lutando para que a obra começasse. A burocracia e os atrasos no projeto, na firma contratada pela UFPel, fez com que ficássemos sem esta obra e o que nos coloca numa situação de prorrogar as soluções provisórias que tínhamos organizado. Outro espaço que não chegou a ser projetada a obra de revitalização foi a da casa da Escola de Belas Artes (EBA), que foi doada para o Centro de Artes, ainda quando era EBA, para ser utilizada para o ensino de artes. Pretendemos ampliar nossas ações de extensão com aquele espaço bem localizado e de fácil acesso para que mais escolas possam participar.

Outra meta importante da minha gestão é ampliar a atuação da Pós-Graduação do Centro de Artes, e isso está se dando tanto na estrutura, com espaços que receberemos junto ao Centro das Pós-Graduações, quanto com as parcerias que estamos conquistando junto a outras instituições. Realizamos trabalhos colaborativos, por exemplo, com a UERGS/Fundarte, com realização de eventos em parceria; com a Universidade Federal de Goiás, por meio do evento que coordeno o Seminário Internacional Ensino de arte e com publicações, diretamente na minha área de pesquisa. No ano de 2017 efetivamos um intercâmbio com a UDELAR, Universidade da República, Uruguai, para que alunos nossos do Bacharelado em Artes Visuais possam cursar disciplinas lá e os de lá venham cursar na UFPel.

Como diretora do Centro de Artes, participo, desde 2013, do **CONSUN**, e desde janeiro de 2016 estou no **COCEPE** como representante do CONSUN. Estas representações foram essenciais para ter noção do todo da Universidade, além da responsabilidade de pensar no grupo, é preciso atuar tendo os interesses da UFPel como prioridade. Assim tenho participado de decisões que envolvem as questões de ensino, pesquisa e extensão, ingresso e permanência de estudantes, vagas de professores, concursos, enfim, todos os temas que são como o sangue que dá vida à academia.

É importante, pois, avaliar os aspectos da estrutura que a academia possibilita aos professores para que o trabalho pedagógico tenha um apoio, não

apenas de base metodológica, curricular e conceitual, como também de âmbito da infraestrutura. Na verdade, a estrutura acadêmica não existe separadamente do movimento pedagógico diário da universidade; planos de aula a planejamentos de gestão, que revelam uma organização prática em um cotidiano administrativo, mas também, muito articulada a um pensamento sobre esta estrutura administrativa, uma elaboração de procedimentos didáticos necessários para a fundamentação do ensino na arte e no âmbito da universidade. Precisamos saber de um pensar, que é vida pulsante, presente nas linhas traçadas dos currículos, ou seja, que todo o planejamento, que fica no papel e no que chamamos “grade” curricular, deve ser vivido no cotidiano acadêmico. É desta vida que trata a formação.

A partir disso, pergunto: qual seria o papel do professor hoje, dentro e fora do espaço acadêmico? Acredito que o professor deve ter compromisso com quem forma, e a formação passa pelo convívio cotidiano com alunos, e também do grupo de que fazemos parte, aprendemos com nossos colegas. Por aí passa ainda o que chamamos de formação continuada: dia a dia continuamos nossa jornada de aprendizagem, num cotidiano que vai dando significado ao nosso fazer. E esse cotidiano, como define Fernando Hernández (2007), demanda que se desenvolva uma percepção aguçada para ver o novo no “mesmo”, ou seja, o mundo é o mesmo todos os dias, as pessoas são as mesmas, ou pensam ser, o segredo está em perguntar “quem vê?” e “o que vê?”. Aquele que se coloca num estado de predisposição para ver o novo vai sempre buscar outras formas de significação, não vai se acomodar com os significados dados e vividos no dia-a-dia pelo senso comum.